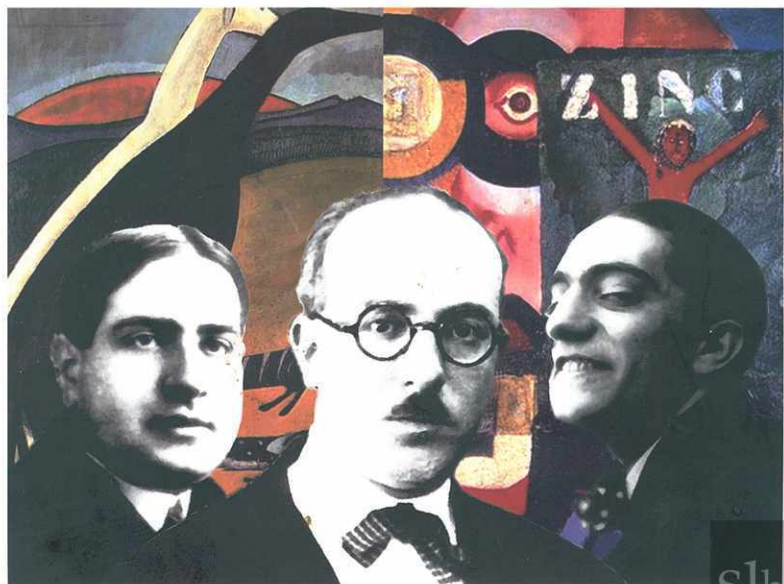


DICIONÁRIO DE FERNANDO PESSOA E DO MODERNISMO PORTUGUÊS

coordenação
FERNANDO CABRAL MARTINS



CAMINHOS

Shi

DICIONÁRIO DE FERNANDO PESSOA
E DO MODERNISMO PORTUGUÊS
COORDENAÇÃO DE FERNANDO CABRAL MARTINS

Ilustração da sobrecapa: João Botelho

Paginação: Júlio Matias

Revisão: Fernanda Fonseca e Luís Manuel Gaspar

Seleção iconográfica: Luís Manuel Gaspar e Rui Mário Gonçalves

© Editorial Caminho — 2008

Tiragem: 4000 exemplares

Impressão e acabamento: NORPRINT, ARTES GRÁFICAS

Data de impressão: Outubro de 2008

Depósito legal n.º 282 634/08

ISBN 978-972-21-1985-6

www.editorial-caminho.pt



DICIONÁRIO
DE
FERNANDO PESSOA
E DO MODERNISMO PORTUGUÊS

coordenação

FERNANDO CABRAL MARTINS

CAMINH-O

S|hi

fundado a Associação Nacional de Parques Infantis, facto a que não seria alheio o ser casada, desde 1922, com António Ferro, que, nos anos trinta, se movimentava nas áreas do poder político. Com o marido, comunga Fernanda de Castro, da mesma flutuação entre o tradicionalismo e o modernismo. Isso mesmo se encontra na sua obra multifacetada e vasta, onde a influência de Cesário Verde é visível, mas também um pendor para a introspecção, numa tensão constante entre interioridade e exterioridade. Em 1919, estreia-se com um livro de poemas, *Ante-Manhã*. E no mesmo ano, recebe um prémio pela sua peça de teatro *Náufragos*. Em 1945, com o romance *Maria da Lua*, recebe o prestigiado prémio Ricardo Malheiros e, em 1969, o Prémio Nacional de Poesia. *As Aventuras de Mariazinha*, «romance para meninos», com 11 edições, marcam toda uma geração e sobressaem num conjunto assinalável de títulos. Como tradutora, devem-se-lhe algumas traduções importantes de Pirandello, Ionesco, Katherine Mansfield, Rilke. Alguns dos seus poemas foram musicados, constando da banda sonora do filme de Leitão de Barros, *As Pupilas do Senhor Reitor*. Outra faceta da sua obra é a do memorialismo, tendo deixado dois volumes, sob o título *Ao Fim da Memória* (1906–1986), que constituem, sem dúvida, uma preciosa fonte para a reconstituição histórica do século XX. Fernanda de Castro pôde conviver, na sua qualidade de mulher do regime, mas também enquanto arauta de um modernismo à Ferro, com numerosas personalidades da cultura da época. São conhecidas as tertúlias que reunia na sua casa do Bairro Alto, sempre aberta à novidade e a uma certa heterodoxia.

Manuela Parreira da Silva

CECÍLIA. Personalidade inventada por Pessoa, colaboradora do jornal *O Palrador*. É autora de uma charada, dedicada a Velhote (n.º 7, de 5 de Julho de 1902).

Manuela Parreira da Silva

CENDRARS, Blaise (1887-1961). Poeta, romancista, viajante e aventureiro, Cendrars percorre o mundo e a literatura com um entusiasmo criativo que faz dele uma personalidade ao mesmo tempo excêntrica e implicada em todos os



Richard Hall, Retrato de Blaise Cendrars, 1912

movimentos vanguardistas da sua época. Publica no *Portugal Futurista*, através de Sonia Delaunay, um poema de inspiração futurista, dedicado à Torre Eiffel: *A la Tour — 1910*. A relação de Cendrars com Portugal irá manter-se, sendo o nosso país um dos seus pontos de passagem ao longo da vida. Mas será ele também o tradutor de *A Selva* de Ferreira de Castro, contribuindo para a difusão internacional deste autor português.

Nuno Júdice

CENTAURO. O número 1 e único da revista *Centauro*, correspondente a Outubro-Novembro-Dezembro de 1916, foi publicado em Lisboa sob a direcção de Luis de Montalvor, com um *hors-texte* especial de Christiano Cruz representando uma figuração dramática do Centauro, tapando o rosto com a mão direita. A figura é extremamente personificada, acentuando a humanidade do monstro e esvaziando-o do aspecto guerreiro que muitas vezes lhe é associado nas *figurações mitológicas*. Tendo saído um ano após os dois números

da revista *Orpheu*, onde o Simbolismo-Paulismo como afirmação estética original do nosso Modernismo se vê ultrapassado pelas propostas vanguardistas (do interseccionismo de *Chuva Oblíqua* ao futurismo dos poemas de Sá-Carneiro e ao Sensacionismo da *Ode Marítima* de Álvaro de Campos, «*Centauro*» representa um retorno ao que se poderia designar por ortodoxia simbolista, facto que se explica pela direcção de Montalvor, fiel discípulo de Mallarmé que terá tido a possibilidade de seguir esta sua orientação na escolha dos colaboradores e dos textos publicados. No sumário do número encontramos: «Tentativa de Um Ensaio sobre a Decadência» do próprio Luís de Montalvor, que funciona como um texto programático do que seria a orientação estética da revista; *Poemas Inéditos* de Camilo Pessanha, já então instalado em Macau donde não regressaria a Portugal, cedidos por Ana de Castro Osório, no que constitui a única publicação significativa de poemas de Pessanha antes da edição póstuma da *Clepsidra*, em 1926; *Quatro Sonetos de Alberto Osório de Castro*; *A Aventura dum Sâtiro ou A Morte de Adónis*, conto de Raul Leal; *Passos da Cruz*, catorze sonetos de Pessoa; *Última Nau*, *Poema Nocturno*, de Júlio de Vilhena; e *Poemas da Alma Doente* por Silva Tavares. Com excepção de Pessoa, que frequentou todas as zonas

estéticas do Modernismo, da tradição à vanguarda, os colaboradores do número são poetas que poderíamos inscrever na área simbolista-decadentista; e a colaboração de Pessoa pertence ao poeta ortónimo que também seguiu por algum tempo esse caminho, tendo escolhido *Os Passos da Cruz* em que o lado ocultista confere um sentido mais profundo ao simples jogo decorativo de cenários medievais e paisagens lacustres e enevoadas que percorre o nosso *Paulismo*. É no entanto o texto de abertura de Montalvor que situa o projecto da revista: «Somos os descendentes do século da Decadência». Esta primeira frase dá o sentido de uma continuidade em relação ao século XIX que *Centauro* pretende, propósito que, em 1916, nos soa como provocatório anacronismo.

Nuno Júdice

CEPTICISMO. A filosofia helénica, desde os pré-socráticos até Aristóteles, impõe, pela sua própria natureza indagatória, o raciocínio à sensação. O conhecimento sensível, fonte de opinião, é enganador. Já Parménides opunha a aparência, produto dos sentidos, à verdade, produto da razão. Demócrito distingue o conhecimento justificado do obscuro conhecimento sensorial. Os cépticos inverterão tal posicionamento: só a aparência é digna de crédito. O céptico, nos tempos de Pirro (c. 365-c. 270 a. C.), tem uma crença utilitária na realidade imediata veiculada pelos sentidos. Aceita as coisas sem precisar de se preocupar com o facto de as coisas, alheias a qualquer tipo de projecção transcendente, não serem o que parecem ser: «Para além da realidade imediata não há nada» (OP 237). Diógenes de Sinope rejeitava qualquer tipo de categorização conceptual: «Posso ver uma mesa. Não posso ver a tabularidade.» Caeiro não lhe fica atrás: «Um renque de árvores lá longe, lá para a encosta. / Mas o que é um renque de árvores? Há árvores apenas. / Renque e o plural árvores não são cousas, são nomes» (OP 225). Para nos mexermos sem esbarrar com as coisas, teremos de aceitar a evidência de uma realidade imediata.

Caeiro, como Pirro, põe fora de jogo toda e qualquer teoria do conhecimento, a não ser a que assenta na afirmação da opacidade do real. Qualquer opinião terá que se medir com a opinião oposta. Tal desequilíbrio de razões não permi-



Christiano Cruz, *Hors-texte para Centauro*, 1916